

ENTREVISTA COM PAULO VIEIRA

Cristiane Rodrigues de SOUZA¹

A trajetória de Paulo Vieira está marcada por reconhecimentos. Seu livro de estreia, *Infância vegetal* (2004), recebeu o prêmio IAP de Literatura, distinção dada também ao livro *Orquídeas anarquistas*, de 2007. No prefácio do primeiro volume, Benedito Nunes percebe, no desenho dos versos, “o poema ágil, como pedia Oswald de Andrade, o poema saltimbanco e circense”. Em 2005, o estudioso reconhece novamente o valor do poeta, ao escolher poemas de Paulo, publicados no texto “Meus poetas favoritos de ontem & de hoje”, na *Revista de Estudos Avançados* (USP). Outro volume do escritor, o *Livro Para Pescaria Com Linha de Horizonte* (2008), destinado ao público infante-juvenil, foi publicado pela EMBRAPA, como parte de incentivo à educação ambiental, e recebeu o prêmio de destaque, no IV Concurso da Casa de Cultura Mário Quintana, além de ter sido objeto de matéria na revista *Cult*. O livro de poemas de 2009, *Retruque Retroque*, formado por textos do poeta paraense e por disco de Henry Burnett, foi elaborado por meio de bolsa de criação literária concedida pela FUNARTE, nos anos de 2008 e 2009. Já o volume de crônicas *Livro para distração na tragédia* (2009) recebeu o Prêmio de literatura Dalcídio Jurandir, assim como o infante-juvenil inédito *Pablo no mundo das nuvens*. Seu último livro publicado, *Peso vero* (2011), recebeu o Prêmio Basa de Literatura.

1. Como foi iniciada sua amizade com Benedito Nunes e de que maneira ele marcou o nascimento do Paulo-poeta?

Apesar do fato de eu, desde menino, não ter tido nada a favor do meu envolvimento com a literatura (como família de escritores ou leitores, escolas com incentivo à leitura e à arte, contato com bibliotecas, teatros, cinemas, etc., o que, se não garante, ao menos sugere a vereda formidável que é o mundo da literatura). Apesar de nada disso ter sido parte constante da minha infância, que foi, digamos, “difícil”, não sei por que (ou, quem sabe, não foi por isso mesmo?) interessei-me desde os 10 anos pelo gesto escritural. Era uma necessidade simples de pousar a caneta sobre o papel e ali silenciosamente gritar meus tormentos, que àquela altura eram decisivos, dentre eles, os tormentos, estava a ausência paterna, e a maneira frustrada do menino fantasiar um herói que nunca chegava, sequer atrasado, pra salvá-lo das tragédias da infância.

¹ Pós-doutoranda IEB-USP/FAPESP. Professora de Literatura na UFMS/Três Lagoas.

*Assim, vamos dizer “rudimentarmente”, trabalhei literatura, poemas em especial, mesmo antes de ler boa literatura e saber o que era exatamente isso de escrever em versos. Aos 20 anos descobri Drummond, e a Rosa do Povo me entorpeceu, me fez entender o que era o meu trabalho, um trabalho que nunca escolhi, mas que eu sabia fazer de cor. Meu encontro com Benedito aconteceu na minha estreia em livro, aos 23 anos, momento em que ele foi o primeiro leitor de *Infância Vegetal*, de 2004, como jurado de um concurso literário. Logo pedi para conhecê-lo e ele me recebeu. Assim, tive entrada no “Paraiso perdido”, a casa-biblioteca que cultivou ao longo da vida, na Rua da Estrela, em Belém. Benedito, portanto, apresentou-me o vasto campo da poesia nacional e internacional, a melhor prosa, a crítica literária de verdade, as artes. Um sábio, quase sempre bem-humorado, adepto do riso, da ironia, da boa conversa, e um profundo conhecedor e amante de poesia, não podia dar em outra: amizade e ensinamentos. Foi o que me proporcionou, meu velho amigo e mestre.*

2. Em que medida a sua história, assinalada pela cidade de Belém e pelos rios da região, assim como pela mudança para São Paulo, estado em que morou durante um tempo, está presente na sua produção literária?

A natureza é um pilar fundamental que sustenta meus poemas. Mas, diferente de alguns brilhantes poetas amazônicos que incorporam traços de cor da natureza local à poesia, o meu verso raramente traz esse entrosamento. Preciso das árvores, da terra, dos bichos, pra montar minha selva pessoal, desde sempre em Belém, onde ergui minha “cabana urbana”, mas poucas vezes demarco ou determino nesta selva inventada a árvore mangueira, ou sumaumeira, ou açazeiro, nem os nossos mitos, os bonitos nomes de rios, a charmosa e divertida maneira de falar... embora, na vida, eu me entereça disso tudo e das águas também. Aliás, eu imagino e miro, no gesto escritural, os rios e o mar que batem aqui em Belém, mas poderiam bater em qualquer outro lugar... A natureza determina meu passo, mas ela não está parada, plantada, em lugar nenhum. Viver os últimos anos em São Paulo me ajudou a enxergar isso mais claramente, pois, mesmo lá, em ambiente sufocante, os versos em elaboração pediam o mesmo vento e a mesma água de todo lugar, de lugar nenhum.

3. Você é um artista múltiplo, pois, além da diversidade de tons e de formas presentes na sua produção, circula por outras expressões, fazendo, por exemplo, vídeos, num trabalho que une imagem e poesia, realizando leituras de poemas em shows, misturando versos e música, revelando o olhar sensível para o visual por meio da fotografia e trabalhando como *clown*. Recorrer a diversos tipos de arte, assim como tingir sua produção com uma pluralidade de tons parece revelar uma busca incessante. Há realmente essa busca? O que você procura, por meio de sua obra?

Não sei exatamente quando aconteceu, mas, talvez pouco a pouco, a literatura e a arte passaram ao centro da minha vida, do meu cotidiano, definitivamente, “roubaram minhas melhores horas”, como diz Drummond numa elegia. Alcançaram importância e

presença grandes demais pra um Engenheiro Florestal (área em que também sempre atuei) suportar sem alguns danos. O primeiro sinal que tive, naturalmente, sobre meus interesses por tantos campos das artes, foi o gosto pela interpretação de poemas, foi o primeiro trabalho artístico que realizei depois de escrever, dizer poemas em voz alta aos outros, e isso me ocupou e alegrou em noites fantásticas, regadas a vinho e amizades desde Belém até São Paulo... É uma relação diferente com a palavra, não tem a ver diretamente com a produção de versos... Assim como as performances do Rocambolé (meu Clown), ou a captura e edição de imagens pra vídeo artes, ou as fotografias, as músicas... nada disso é como escrever versos, minha principal e inadiável tarefa, mas tudo que faço nesses outros campos (mais com intuição do que com profundo conhecimento), faço porque, antes disso, faço poesia. A poesia me expande. Tanto que, em 2010, quando tive a oportunidade de cursar um doutoramento em Literatura Brasileira, na USP, precisei, e quis, paralisar minhas atividades de Engenheiro Florestal (o que me custou caro, mas valeu o preço!) e só recentemente as retomei. O que mais? Ah, sobre o que procuro: não sei.

4. Estabeleceu-se uma parceria muito bonita entre você e Henry Burnett, músico e professor de filosofia da UNIFESP, que culminou na realização de trabalhos de muita qualidade. O que possibilitou a sintonia de criação artística entre os dois e como foram surgindo as obras em comum?

Henry Burnett, antes de tudo, partilha comigo o gosto pela literatura e poesia. Mas, pra além disso, se nos conhecemos “tarde”, em 2009, temos percursos e origens que nos sintonizam desde o começo. Conheci a música de Henry antes de conhecê-lo, um grande compositor e cantor cujo trabalho desde o princípio traz uma unidade e identidade muito bem traçados e definidos, o que já me parecia bastante, considerando a canção em Belém. Pessoalmente, notei também da parte dele alguma admiração pela minha poesia. Mas o que, naturalmente, fizemos, foi deixar de lado música, poesia, etc., e aproveitamos a amizade como deve ser, de maneira comum e cotidiana conforme ensinava Cícero, sem deixar, assim, que a mútua admiração e a vontade de fazer algum trabalho juntos fossem motivo de exaspero. Exatamente assim tudo transcorreu, fluiu, convergiu e, hoje, passados menos de 10 anos de amizade, temos tantos trabalhos e projetos artísticos juntos, que, quando nos vemos precisamos, por vezes, deixá-los de lado, pra beber umas cervejas em paz sem pensar em trabalho!

5. Você é formado em Engenharia Florestal, pela UFRA, com mestrado em Agricultura Amazônica e Desenvolvimento Sustentável, pela UFPA. Já no Doutorado, realizado no IEB-USP, sob supervisão da professora Telê Ancona Lopez, estudou diários do poeta Max Martins. Como o fato de circular por essas áreas marca sua escrita? Ou seja, o escritor-engenheiro florestal, percebido no *Livro Para Pescaria Com Linha de Horizonte*, está presente em que medida no restante de sua obra? Acredita que há pontos de contato entre as duas áreas?

Passei muitas dificuldades ao retomar a Engenharia Florestal, depois de ter saído pro doutorado em Literatura Brasileira. É engraçado, as pessoas estão prontas a elogiar você, batem no seu ombro, e dizem “que coragem, você é um cara múltiplo”, mas, no fundo, muitos querem mesmo é dizer “seu doido, o que você está fazendo não faz sentido!”. Minha reação é a mesma de sempre; sempre vi meus dois campos intimamente conectados, ainda que sejam eles completamente distintos e desligados; eu sempre assumi a condição de elo que conecta as duas áreas. É claro que um Engenheiro Florestal estaria seriamente encrencado ao ter de escrever uma tese de doutorado em crítica literária. E é óbvio que um poeta poderia morrer de fome perdido numa floresta designado para a tarefa de fazer manejo florestal. Vi que posso fazer as duas coisas, ainda que a ideia do doutorado me assustasse um pouco. Mas acredito que, no começo, o doutorado sempre assusta um pouco, seja qual for a área do conhecimento. Aqui cabem algumas palavras sobre Telê Ancona Lopez, minha orientadora e hoje amiga, que me aceitou como aluno. Certa vez, terminada a tese, e tendo eu tamanha admiração, gratidão e amizade por ela, lhe disse, no quintal florestal de sua casa em São Paulo: “Telê, você teve muita coragem”, ao que ela retrucou, “Sim, embora com um pouco de medo, tivemos coragem, e valeu a pena”... hoje, menos de dois anos depois da tese pronta, e já com mais de 500 downloads no banco de teses da USP, estamos prestes a publicá-la em livro. Se nosso objetivo inicial era ajudar a apresentar ao Brasil a poesia autêntica e ímpar do paraense Max Martins, a missão foi cumprida! Quanto a meu “estranho” perfil, a verdade é que não planejei nada disso e, profissionalmente, poderia ter tudo dado muito errado pra mim, porque o mundo é mais careta do que eu imaginava. Mas, ironicamente, deu muito certo e hoje atuo nas duas áreas cada vez com menos prejuízos para ambas... Lembro-me da maneira que os amigos me chamavam carinhosa e divertidamente, no tempo da faculdade, “poeta floresteiro”. Na época eu achava isso mais engraçado do que factível e, veja você, eles estavam certos, agora faz muito sentido, e, além do mais, permanece engraçado.

6. É possível perceber o importante trabalho formal que dá base aos seus textos, muitas vezes desenhados no papel, como notou Benedito Nunes, outras vezes a retomar a tradição, ou ainda a misturar poesia e prosa ou poesia e outras artes. No momento de criação literária, o desejo de escrita surge como um impulso lírico que depois, por meio do trabalho, vai encontrando a sua forma ou, ao contrário, aparece em primeiro lugar a preocupação com a beleza da estrutura poética?

Você, poeta que é, sabe que a criação literária se dá, por vezes, aos saltos ou sobressaltos, outras, insurge tão naturalmente que quase nos constrange. Nossas preocupações estéticas, o trabalho árduo, que poderia ser pela vida toda, sobre um mesmo verso ou poema é que mostra nossa pobre e frágil condição humana. O trabalho da forma nos ajuda a aliviar a carga. Mas a linguagem é sempre maior do que nós. A imagem se oferece, mas não é fácil, é preciso conquistá-la. Já a metáfora é um presente da imaginação que nos enche de orgulho, tantos recursos, tantas possibilidades... e a beleza vai depender disso tudo mesclado pelo talento que veio

de algum lugar e em nós se abriga. Estamos preocupados e interessados em tudo, embora, talvez, não saibamos onde começa ou termina o processo. O que, por muitos lados, é bom.

7. Como sua obra é densa e complexa, é difícil falar dela em termos gerais, mas chama a minha atenção, entre várias vertentes, a presença do erotismo e da dor. De que forma esses temas se relacionam com a sua criação literária?

Desejo e sofrimento me parecem estar na base da existência humana. Creio que escrevo poemas muito ligados à vida e seus desenlaces: amor, morte, infância, solidão, memória, desejo, sexo e, ainda que esses poemas, por vezes, não sejam plenamente “objetivos” (não mesmo?), essas marcas me parecem nítidas. Uma poesia perto da realidade, dentro da realidade, mas sem deixar de ser poesia, é a minha pretensão. Talvez seja essa a minha procura, aquela sobre a qual você me perguntava um pouco acima e eu não sabia responder...

8. No que tem trabalhado atualmente? Poderia mostrar um poema inédito?

Ainda este ano será lançado Pablo no mundo das nuvens, livro de ficção infanto-juvenil, pela Fundação Cultural do Pará, e, possivelmente, mais dois livros meus, um de crítica literária chamado Arte, erotismo, natureza e amizade: os diários de Max Martins e um de poemas, Belebrada. Frutos dos últimos seis ou sete anos de trabalho literário. Devem sair todos ainda em 2016, por coincidência, e conveniência, pois, no fundo, tenho cada vez menos pressa em publicar meus livros. Deixo a você um poema inédito do livro Belebrada...

POEMA EM SILÊNCIO

beiro o silêncio
 enquanto o cheiro
 da morte
 acende esta poeira
 de sombras
 que me adivinha
 insone

vontade de correr
 num parque
 em São Paulo
 de comer menos
 e nunca
 depois das 6

lembro de você
no dia
em que nos conhecemos
sua juventude
saltava pra me seduzir

beiro o arrependimento
mas me entretenho

tudo vale a pena
amor ódio poema

e essa inconsequência
que sempre me fode

mudo de cidade
esqueço tanta gente
especialmente
nomes

mas os rostos
também se apagam
porque a sombra
exige insumos

beiro a solidão
enquanto imagino
o gosto da palha
que envolvia o fumo